

SOBRE MEMÓRIA: ENTREVISTA COM IVAN IZQUIERDO

ABOUT MEMORY: INTERVIEW WITH IVAN IZQUIERDO

Daniele Borges Bezerra¹

Resumo: A memória, atualmente, é tema de pesquisas com enfoque interdisciplinar, sendo que cada vez mais é possível encontrar pesquisadores e cientistas de diferentes áreas contribuindo para a problematização e compreensão dos fenômenos que envolvem a memória. Nesse sentido, com o objetivo de enriquecer as discussões sobre memória no campo das ciências sociais, buscou-se um diálogo com a Neurociência a partir de entrevista com uma das maiores referências no estudo da memória e seus mecanismos, o Prof. Dr. Ivan Antônio Izquierdo. Esta entrevista foi realizada no dia dezesseis de abril de 2013, no Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), em Porto Alegre.

Palavras-chave: Neurociências. Memória. Esquecimento.

Abstract: Memory, currently, is subject of researches with interdisciplinary approach, and each time more it is possible to find researchers and scientists from different areas contributing to the problematization and comprehension of the phenomena that involve memory. In this sense, with the objective to enrich the discussions on memory in the social sciences field, it was sought a dialogue with Neuroscience from an interview with one of the major references in the study of memory and its mechanisms, Prof. Dr. Ivan Antônio Izquierdo. This interview was conducted on April 16, 2013, at the Hospital São Lucas of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUC/RS), in Porto Alegre.

Keywords: Neurosciences. Memory. Forgetfulness.

Com o objetivo de enriquecer as discussões sobre memória no campo das ciências sociais, buscou-se um diálogo com o campo biológico através de entrevista a uma das maiores referências no estudo sobre memória e seus mecanismos.

Essa entrevista foi realizada com o Prof. Dr. Ivan Antônio Izquierdo, no dia dezesseis de abril de 2013, no Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), em Porto Alegre. Ivan Izquierdo é médico, neurocientista, coordenador do Centro de Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Memória social e Patrimônio cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Sanitarista, Especialista em Saúde Mental Coletiva, graduada em Artes Visuais, atua como pesquisadora e fotógrafa.

do Sul e coordenador científico do Instituto do Cérebro, sendo considerado uma autoridade nos estudos sobre a biologia da memória, é um dos neurocientistas mais importantes do mundo na atualidade. É responsável pela descoberta dos mecanismos moleculares da formação, evocação, manutenção e extinção das memórias, a dependência de estado endógena, e a separação funcional entre as memórias de curta duração e longa duração.

Membro de 21 sociedades científicas do país e do exterior. Recebeu mais de 60 prêmios e distinções nacionais e internacionais. Membro do comitê editorial de 25 revistas científicas e assessor de 20 agências de fomento do país e do exterior.

Acredita-se que a compreensão da memória perpassa o ser humano como um todo, ser físico e, portanto, biológico, individual, e ser social, coletivo. Assim se propõe de maneira descontraída que as associações sinápticas que determinam a existência da memória biológica sejam comparáveis as associações sociais de comunicação e consolidação que tornam possível a formação de uma sociedade coesa, com suas parcelas de esquecimento.

Sabe-se que o esquecimento é tão importante quando a própria preservação da memória, e que sem uma justa medida para a retenção ou o descarte das informações acessadas a vida se tornaria insuportável e a própria capacidade de memória seria prejudicada. Ao pensar na tendência ao *mnemotropismo* contemporâneo e na importância da memória individual e coletiva, acredita-se que essa entrevista possa salientar aspectos fundamentais para uma boa memória, a partir do indivíduo. Apesar da divisão epistemológica entre ciências humanas e ciências biológicas, que aparentemente determina um abismo com relação à interpretação do assunto memória, afirma-se que tal divisão não passa de uma dicotomia instrumental que por tendência estrutura de modo cartesiano o conhecimento. Pois, não há nada mais conjuntivo que o ser humano, determinado biológica e socialmente, que em sua condição de consciência memorial determina a si próprio.

No diálogo a seguir as partes em **negrito** correspondem às perguntas introduzidas pela mestrandia e as respostas em *itálico* correspondem às respostas fornecidas pelo prof. Dr. Ivan Izquierdo.

Pode-se considerar a memória individual como um acervo, um centro compartimentado de registros armazenados?

Sim, só que compartimentado... Não é muito compartimentado, está muito mais misturado do que se pensava. Ou seja, cada memória não se guarda num lugar, se guarda em algum grupo de sinapses. Mas estas estão repetidas, são muitas vezes redundantes, o que protege contra lesões. Por exemplo, se eu tenho uma memória

guardada preferencialmente aqui e este lugar se lesiona por algum motivo, alguém bate ou algo assim, alguma cópia dessa memória em algum outro lugar vai cobrir a falta ou a falha da que estava no lugar lesado.

Toda memória tem uma cópia então?

Tem muitas cópias, e as redes são bastante dispersas.

O escritor Jorge Luis Borges fala alguma coisa relacionada a isso em “A Biblioteca de Babel”.

Claro. É isso aí, ele tinha razão. Quase sempre ele tinha razão.

Recordar é viver? Psicicamente, como se comporta o cérebro no momento da rememoração?

Bom, psicicamente não sei dizer. Psicicamente ele simplesmente rememora. Agora, fisiologicamente sim, há vários locais que se ativam, tanto eletrofisiologicamente, através de sinais elétricos, como bioquimicamente. As alterações ou sinais bioquímicos são fáceis de medir em animais, faz-se uma dosagem de coisas químicas e a gente vê mudanças, tem várias enzimas que se ativam, uma série de transmissores que são utilizados em muitos lugares do cérebro. Na verdade, a evocação provavelmente implica na utilização de mais regiões cerebrais e de mais neurônios que a formação de memórias.

São ativados vários órgãos dos sentidos também?

Os órgãos dos sentidos sim, mas não na evocação. Isso acontece mais na gravação, na formação de memórias. Na evocação, não.

Quando a pessoa se lembra, ela pode evocar através desses sentidos, correto?

Sim, mas não utilizando os olhos, por exemplo. Ou seja, eu quero me lembrar do seu rosto amanhã e posso fazê-lo com os olhos fechados.

Há predominância do sentido visual durante a evocação?

Durante a evocação, não. Durante a gravação há, e a maioria das memórias tem um forte componente visual no ser humano. O ser humano é muito visual. Já em animais que não sejam os humanos, predominam outros sentidos. O rato, por exemplo, é um animal profundamente olfatório. Para se orientar em um ambiente – por exemplo, solto aí no chão – ele enxerga mal, então ele vai cheirando e depois se lembra dos lugares que cheirou, que cheiro tinham, e sabe onde está.

Constrói um mapa?!

Constrói um mapa. Os cegos utilizam mais o ouvido ou o tato.

Existem também pessoas que tendem a se lembrar através dos cheiros?

Sim, é claro, mas em nós predomina o sistema visual, o mais utilizado é o visual. Nós formamos mais memórias com mais componentes visuais que com os outros sentidos.

Os cegos então irão lembrar através de memórias olfativas, auditivas, ou...

Ou táteis.

O que faz com que uma lembrança esquecida volte a se manifestar?

Bom, depende do que chamamos de esquecida. A gente tem coloquialmente o hábito de chamar de esquecido a tudo aquilo que não conseguimos nos lembrar na hora. Agora, tem muitas coisas que a gente não consegue se lembrar na hora, mas a memória está aí, por exemplo, a gente se lembra delas daqui a três horas. Eu sempre me lembro de um dia em que estava tentando lembrar o nome de um certo músico com um amigo meu e não conseguíamos. Tratava-se de um dos arranjadores de Sinatra, mas nem meu amigo nem eu conseguíamos recordar o nome. Estávamos no aeroporto de Belo Horizonte nos despedindo, e do nome do homem, nada. Cada um pegou seu avião, foi para casa, e eu cheguei à minha depois das duas da manhã. Aí, de repente, veio o nome do famoso arranjador na minha cabeça e mandei um e-mail para meu amigo só com duas palavras: Quincy Jones. Aí, fui dormir. Na manhã seguinte, lá pelas dez, acendo o computador e tinha uma mensagem de meu amigo dizendo a mesma coisa, enviada quase ao mesmo tempo. O nome do Quincy Jones, que era o arranjador em questão, primeiro não vinha, não vinha, e de repente, como um raio, chegou na ponta da língua de meu amigo e na minha. Quer dizer, estava na memória dos dois, mas algo a bloqueava, fazia com que não pudéssemos evocá-la. Horas depois, conseguimos. Muitas memórias às vezes parecem esquecidas e não estão.

O que faz com que uma lembrança esquecida volte a se manifestar? Por exemplo, em casos de pessoas que sofreram um trauma.

Sim. Bom, uma pessoa que sofreu um trauma geralmente se lembra demasiado do trauma, então o tratamento consiste em fazê-la não se lembrar. E aí se utiliza um procedimento que se chama extinção, no qual se repetem os estímulos da situação que causou o trauma, mas sem o trauma. Então, a pessoa desassocia os estímulos do

trauma e recorda qualquer outra coisa, que está falando com o psiquiatra, e a sensação de que está numa boa. Então, a pessoa vai extinguindo a resposta, mas não a memória, a memória persiste. O atentado das torres gêmeas, por exemplo. O indivíduo está com aquilo na cabeça e, de repente, extingue isso. Terapeuticamente o levaram a fazer isso. Depois ele vê uma foto das duas torres e se lembra, vê que é algo parecido, algum estímulo parecido com algum dos componentes da memória a ser lembrada. Um estímulo parecido, ou que “faz lembrar”, traz a memória de volta.

Contudo, a memória do evento foi ressignificada, e é acessada sem a sensação traumática. Existem mecanismos de esquecimento relacionados a memórias dolorosas?

Sim, existem. Não é de esquecimento real. Outra vez: a memória persiste e é bom que persista, porque senão temos tendência a incorrer nela outra vez. Por exemplo, se não lembramos que um cachorro morde. É bom saber que o cachorro morde, porque senão vou botar a mão na boca dele outra vez. Para evitar isso, é bom lembrar: cachorro morde, então eu não vou botar a mão na boca dele.

A memória tem uma função de sobrevivência então?

De sobrevivência, como todas as memórias deste tipo: evitar entrar num bairro escuro, de noite e sem proteção, porque dá assalto. Então, é bom não entrar. Lembramos que não é bom por quê? Porque aprendemos que há perigo de assalto ou já sofremos algum assalto. Mas fazer desaparecer a resposta a uma coisa quando não é necessário é algo que se utiliza, como naquele procedimento de que te falei. São dados uns estímulos pertencentes à situação traumática, ou aversiva, ou desagradável, mas sem a coisa desagradável. Por exemplo, a pessoa se lembra do atentado das torres gêmeas, mas não está vendo isso aí de verdade. Ela se lembra, vê fotos, mas omite-se a resposta. E isso é bom fazer, é terapêutico, porque senão a pessoa não consegue dormir, não consegue comer tranquila, não consegue mais ter uma vida normal, porque vai ter aquilo ruim o tempo todo. As memórias ruins são muito persistentes, justamente pelo lado defensivo, pelo lado de sobrevivência.

Nós temos a capacidade de esquecer. Por que, então, essas memórias negativas predominam?

Bom, aí eu vou perguntar antes: o que você entende por esquecer? Apagar a memória?

Não, inibir a resposta.

Ah! Inibir a resposta. Isso se chama habitualmente de esquecimento, mas não é esquecimento real. A memória persiste.

Sim, ela fica ali.

Só que não respondemos a ela. Por exemplo, eu me lembro de coisas que outro dia vou me lembrar, mas não evoco isso agora que estamos conversando e não vou evocar hoje na hora de dormir, porque quero obviamente dormir.

Assim como há muitas memórias de infância, por exemplo, que provavelmente armazenamos, mas que não temos ativas.

E que aparecem no momento menos provável. Existem mecanismos de esquecimento relacionados a memórias dolorosas? Sim, existem. E chamam-se “extinção”.

Sim, mas esse mecanismo pode ocorrer de forma involuntária? A própria pessoa pode inibir essas memórias?

Sim. Eu posso pensar: não quero mais me lembrar daquela pessoa que me fez muito mal.

E isso funciona?

Sim, funciona. Muitas vezes funciona. Às vezes não, mas funciona.

Não funciona ao contrário, reforçando as memórias?

Não, a gente decide “tá, não quero mais me lembrar do rosto do sujeito” e, mais ou menos, consegue esquecer.

Programa, então.

O cérebro é hábil em fazer isso. Muitas vezes decide por conta própria.

Existem mecanismos para a preservação ou para a boa saúde da memória?

Sim. O melhor mecanismo que existe é praticá-la. É uma função que quanto mais se pratica, melhor anda. E a melhor forma de praticá-la é lendo. Por exemplo, vou pegar algo em português. Perfeito, Borges. Então, vamos ler. Por exemplo, aqui. No momento em que leio este parágrafo, “Minha primeira lembrança de Funes...” [In Borges, 2012 p.100], o meu cérebro vê a letra “m”. Então, imediatamente, faz um

inventário, um *scanning*, de tudo que ele conhece que começa com a letra “m”: “mãe”, “manhã”, “morbosidade”, “Maria”, tudo que começa com “m”. Continuo lendo, milissegundos depois vem a letra “i”. O cérebro lê da esquerda para a direita aqui no ocidente. Nos países árabes ou em Israel, lê-se ao contrário, mas nós lemos habitualmente da esquerda para a direita: “m”, depois lemos a letra “i”. Então, imediatamente desfaço o inventário anterior porque vejo que não serve: em “manhã”, “mãe”, “mórbido” não existe “mi”. Então, eu faço novo inventário, e nisso se consultam muitíssimas sinapses: “onde está, que eu tenho aí”. Palavras que eu conheço que comecem com “mi” e que depois sigam, porque olhando assim, de relance, eu vejo que tem mais letras. Com “mi” pode ser “minhoca”, “minha”... Então, o cérebro deleta as palavras anteriores e passa a fazer novo inventário, e aí continua lendo. Vê “n” e, depois, “h”. Pode ser: “minhoca”, “minha”. “Minerva” não pode ser porque veio a letra “h”... E assim se lê. E o cérebro assim eventualmente completa a palavra. Eu vejo “minh” e vejo que tem só uma letra depois. Já sei, “minhoca” não é. “Minha” pode ser, não tem muitas outras, “minha!” E continua lendo: um espaço. Ok, “minha” era uma palavra. Depois, “p”... E assim vão se fazendo enormes inventários de tudo que conhecemos que tenha essas letras. E assim vamos reconhecendo as letras, e trazemos memórias. E cada vez que lembramos, é incrível, mas o cérebro faz um inventário também de memórias visuais ou olfativas, relacionadas com essas palavras. Por exemplo, estou lendo “minha”. Passa pela cabeça: minha mãe, minha namorada, “muita”, até minhoca. Então, são inventários gigantescos de conjuntos de letras que significam algo, do significado de toda imagem da coisa. Por exemplo, “minha”. Lembro-me da minha mãe, lembro-me do seu rosto. Então, é um exercício informático, digamos, do cérebro. E não tem nada comparado a isso, em intensidade e em quantidade de tipos diferentes de memória que são ativadas e trazidas à tona, não há nada parecido. A leitura é o melhor exercício. Evidência disso é que os membros das duas profissões em que mais se lê por motivos profissionais, que são professor e ator, ou professora e atriz, são pessoas que têm melhor memória quando velhos. Sobre isso foram feitos vários estudos, e os principais foram feitos em duas cidades grandes. Houve neurologistas e psiquiatras que se aventuraram a fazer isso e estudaram a correlação de doenças mentais ou qualidade de memória em pessoas com diferentes profissões, idades, e viram que não tem correlação com idade, não tem relação com nível socioeconômico, mas tem correlação com o fato de pertencerem a essas duas profissões. Professores tem uma memória melhor, e atores também. Isso é fantástico, quando a gente vê um ator veterano, por exemplo. Eu me lembro, dois, três anos atrás, quando eu já não era tão jovem, houve uma entrevista que fizeram com a Irene Ravache. Ela estava trabalhando ao mesmo tempo em duas novelas, uma peça de

teatro, ou duas, e um filme. E ela se lembrava de frases de cada uma dessas coisas. É uma pessoa que exercitou sua memória ao longo de muitos anos, e é surpreendente ver. Professores também. Professores são meio artistas também. Temos que nos lembrar de coisas, definições, e estamos lendo constantemente. Então, estamos exercitando a memória fazendo esse inventário, letra por letra.

Isso tem muito a ver com o processo de simbolização mesmo, não é? De dar significado a tudo.

Sim, significado, claro. Tal combinação de sinapses, quando ativada, significa tal coisa. É isso aí.

E é possível pensar que o cérebro se expande à medida que há maior leitura ou maior exercício da memória?

Ele não cresce de tamanho, mas a sinapse dos neurônios envolvidos muda sua estrutura.

Mais ativas, talvez?

Sim. Tem um estudo recente que me surpreendeu muitíssimo, de dois italianos, que saiu em uma revista em que publico habitualmente. O estudo deles envolve um processamento de imagens por um método que eu não conheço, e eles verificaram que terminações sinápticas do cérebro de camundongos velhos têm maior atividade metabólica, ao contrário do que eu e todos pensávamos até então. Então, a melhor coisa é praticá-la. Aquela história de que a função faz o órgão se aplica ao músculo e se aplica à memória. Uma pessoa que joga bola todos os dias vai terminar jogando bola até uma avançada idade. Veja o Roberto do Grêmio, por exemplo. Então, alguém que estuda, lê todo dia, pratica a memória todo dia, muitos tipos de memória simultânea, ele vai ter uma boa memória.

Existem casos de pessoas que leem muito e também desenvolvem doenças como o Alzheimer.

Sim, todos podemos acabar tendo. Alzheimer é uma doença que aparece depois dos sessenta ou setenta anos em 30% da população. Mas muita gente confunde Alzheimer com velhice. Não! São duas coisas diferentes. Pode-se ser velho sem ter Alzheimer. 70% das pessoas muito velhas, de 90 anos ou mais, não têm Alzheimer, e só 30% delas podem ter algum princípio de Alzheimer, difícil mesmo não ter em uma idade avançada. Então, uma coisa é a velhice, em que há um *enlentecimento*² da

² Do espanhol, menor rapidez.

memória, e outra coisa é o Alzheimer, que é uma doença degenerativa que aparece quando as pessoas são velhas e rompe-se, desmancha-se, o mecanismo das memórias, morrem as células. Criam-se alterações nas proteínas que existem normalmente nas células, as sinapses se quebram, tudo se quebra, perde-se, morre.

O que é o giro do cíngulo e qual a sua relevância com relação ao estudo da memória?

É uma das regiões vizinhas ao hipocampo.

Ela é importante com relação ao estudo da memória, não?

Sim, ela é uma das regiões envolvidas. Mas a mais importante é o hipocampo, onde as memórias se formam e se armazenam durante as primeiras horas. Ao mesmo tempo, as memórias vão se armazenando, como já disse, em outros lugares, formando cópias. São as cópias que a gente utiliza depois, na longa duração.

No caso de uma pessoa que tem Alzheimer, ela vai perdendo esses neurônios sinápticos e também essas cópias?

Sim, as duas coisas.

O giro do cíngulo tem também relação com a linguagem, não tem?

Sim, mas não é a única área da linguagem, tem regiões do córtex temporal e do córtex frontal que têm mais a ver com a linguagem que o giro do cíngulo. Há muitas regiões envolvidas, nenhuma coisa é função de um único lugar.

O senhor afirma que, em geral, as pessoas tentam não evocar lembranças negativas, humilhações, por exemplo. Por que então algumas pessoas relembram com maior facilidade aspectos negativos vivenciados?

Pessoas que padecem de depressão fazem isso, e isso se trata com remédios e com psicoterapia.

E tratando a depressão, isso passa?

Tratando isso melhora, nem sempre passa. Mas melhora, melhora muito.

Então, lembrar-se mais de aspectos negativos seria um reflexo da depressão?

Sim, é um efeito da depressão. A depressão tem uma série de efeitos sobre muitos neurotransmissores. A correção disso com remédios e a função do todo corrigida com psicoterapia, que pode reinterpretar coisas que aconteceram com o

sujeito ou fazer com que tal via não seja mais estimulada, traz muitas melhoras. Não se cura a depressão, mas se trata muito bem.

Tem uma senhora na minha pesquisa que perdeu um filho em um acidente de moto quando este tinha dezoito anos, e ela relembra isso cotidianamente.

Quem vai esquecer uma coisa dessas?

É insuportável.

Insuportável.

Ela tenta resignificar a ausência do filho no cotidiano, inventando vestígios de presença que reduzam a ausência do filho no presente.

Isso é até habitual. Não haverá tristeza maior que perder um filho.

Qual a relação entre memória, tristeza e longevidade?

Tristeza todos temos, felicidade a todos não falta, mas, de vez em quando, todos temos momentos felizes. Até os deprimidos têm. E tristeza também. O negócio é tentar não se agarrar muito à tristeza. Porém, é preciso um pouco de tristeza também, porque senão não diferenciamos um momento da vida do outro. Por exemplo, se não ficamos tristes quando ouvimos que morre uma pessoa mais jovem do que nós... Eu fico sempre dolorido quando morre alguém mais jovem do que eu. Fulano de tal, jogador de futebol, morreu. Bah! Não pode ser! Ele tem trinta anos menos que eu, como vai morrer? Ou: “morreu uma criança em Boston ontem”. Esta, de todas as notícias de Boston, é a que mais me toca. E essas coisas são assim. Se isso não deixa a pessoa triste, estamos na presença de um nazista, um psicopata. Essas coisas têm que deixar triste porque são parte da moral e do comportamento racional dos animais e do humano, sem dúvida. Agora, é melhor não estar triste o tempo todo, apesar de que as circunstâncias o digam. Por exemplo, uma pessoa que está presa vai estar triste uma boa parte do tempo, mas vai se lembrar, às vezes, de coisas de fora da prisão e vai ser mais alegre. É melhor tentar encaixar momentos de felicidade no meio de tudo, no meio da tristeza, no meio do que seja lá que tenha ele. Agora, longevidade não tem muito a ver. Tem pessoas que morrem alegres aos 18 anos e pessoas que morrem tristes aos 95. Eu me lembro sempre de que eu acreditava antigamente que a longevidade se relaciona com as lembranças mais alegres, até que um dia, estando de visita em Buenos Aires, eu vi um programa de televisão, e uma mulher, uma senhora muito velha, diz: “esta é minha avó”, cento e tantos anos, cento e poucos. E aí o locutor diz: “Ah, que bom! Que alegria ver a senhora! A força da vida, a vitalidade, a alegria de

viver...”. A mulher olhava e não dizia nada, e de repente ela diz: “Você está falando o tempo todo em alegria de viver. Eu não tenho nenhuma alegria de viver. Desde que morreu meu marido, há vinte três anos, eu só quero morrer. Não consigo morrer. Peço para Deus: me leva, Deus. E ele não me leva. Vivo triste, penso no meu marido, choro a cada tantos minutos, agora mesmo...”, e a mulher começou a chorar em frente à câmera. Ela dizia: “Eu quero morrer”. Bom, aí me dei conta: “Essa mulher tem mais de cem anos” – eu, na época, teria 50 – “ou seja, ela tem o dobro do que tenho eu, vive sumida no meio da tristeza, está aí e está viva. Então, longevidade não tem muito a ver com tristeza, a mulher é só tristeza, e olha só...”. Às vezes a gente também vê pessoas muito jovens que são profundamente tristes ou muito alegres.

Existe diferença na evocação em pessoas em luto e pessoas em depressão?

Não. Não existe. Considera-se que o luto é uma forma de depressão.

Existe alguma droga capaz de agir de modo localizado e apagar memórias dolorosas?

Não.

Nem se cogita isso?

Cogita-se muito, mas não se consegue. E nem é desejável. Porque pode fazer perder, por exemplo, a noção de que os tigres mordem ou de que os ônibus podem te atropelar, então é bom se lembrar dessas coisas. Não é bom evocá-las o tempo todo. Eu quero dormir, quero dormir e não quero pensar que o ônibus vai me atropelar. Mas não devo apagar a memória de que os ônibus atropelam, porque aí estou em perigo. Assim, se eu vejo um tigre, o cérebro vai chamar a memória do tigre.

Existem fatores de risco para a perda de memória, como o estresse?

Sim, o estresse é o principal.

E ele afeta a memória de modo permanente ou transitório?

Geralmente é transitório.

Isso com relação a memórias já armazenadas?

Claro, memórias já armazenadas, às quais o cérebro nega acesso.

Isso ocorre também durante a gravação?

Nesses casos, não se gravam as memórias.

Em pessoas deprimidas, com longa data de depressão, a gravação das memórias também é prejudicada?

Sim, há dificuldade de gravação.

As memórias não são gravadas?

Não, não são gravadas, ou são muito mal gravadas, com perdas de detalhes. Por exemplo, pessoas depressivas que, nesses momentos, não conseguem aprender a letra de uma música, voltam seis dias depois, estão se sentindo melhor e aí aprendem.

Sobre a ritalina. Existem efeitos colaterais associados ao uso continuado desse medicamento? Por que ela é tão criticada?

Todo remédio tem efeitos colaterais. A ritalina é a droga de eleição para transtornos de déficit de atenção e hiperatividade, e ponto. Não há outra melhor, e ela deve ser usada. Eu tenho dois casos na família, um adulto e um pequeno com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. O adulto não consegue trabalhar sem fazer uso de ritalina e o pequeno não vai adiante no colégio se não tomar.

Mas são casos extremos, não?

Não, são casos não extremos. Uns 2%, 3% da população têm esse transtorno. Esses devem usar. Agora, o resto da população não, porque quando usamos qualquer remédio que não seja necessário, caímos em efeitos secundários. A droga é um estimulante...

Pode-se afirmar que a memória seja uma capacidade física e intelectual?

Sim, claro.

A capacidade mais importante do corpo humano após o sistema sináptico?

O que é mais importante num carro, o carburador ou as rodas?

Eu pergunto isso porque na fase final do Alzheimer a pessoa perde inclusive a capacidade de deglutição, entre outras, e isso estaria envolvido com a capacidade de memória dessas funções, ou não?

Isso pode ser uma lesão neural fora da memória, por exemplo. Porque deglutição é uma função que, sim, se aprende, a gente se lembra de deglutir. É uma atividade aprendida em boa parte, mas em boa parte é inata também. Então, isso em geral talvez seja devido a outro problema neurológico.

Qual a relação entre imagem e memória?

A forma de evocar uma memória é dar pedacinhos dela e, com isso, ver se o indivíduo se lembra do resto. Por exemplo, o hino nacional: “ou...”, “ou...”, “ou” o quê? “Ouvi...” Ah, “ouviram”! É um pedacinho da coisa toda. Por exemplo, para se lembrar deste livro: me dê uma coisa vermelha e preta qualquer que vou me lembrar do livro. Então, a evocação geralmente consiste em apresentação de estímulos vinculados com a formação dessas memórias.

Uma pessoa com perda de memória provavelmente vai utilizar essa via visual de modo diferente de um idoso que tem a memória preservada?

Não há duas perdas de memória iguais. Não existem dois casos de Alzheimer ou dois casos de tumor cerebral que sejam idênticos, não existe. Então, um utilizará uma via e outro utilizará outra. Por exemplo, desta meia hora ou uma hora em que estamos aqui conversando, você está vendo a parede deste lado e vai ter uma imagem vista deste lado. Eu estou vendo essa biblioteca atrás de você, tenho outra imagem, que ainda se mistura com o tema de que estamos falando.

Até que ponto o uso de imagens como evocativos pode auxiliar na compreensão da memória?

Muitíssimo. Já que nós somos basicamente animais visuais, vai ajudar muito.

Que classe de imagens pode auxiliar no tratamento de pacientes com Alzheimer? Imagens pessoais ou referentes a atividades de vida diária?

Depende do paciente, depende de que tipo de memória a gente quer ativar. Se quiser ativar a memória do filho do sujeito, por exemplo, vou trazer brinquedos, ou coisas parecidas.

Não necessariamente imagens do filho então, mas objetos que possam lembrar a infância?

Brinquedos vão me levar a pensar: “crianças, ah... meu filho”.

Como funciona a sensação de *dèjà vu*?

Essa é outra coisa que foi uma grande mitologia. *Dèjà vu* é simplesmente quando a gente acha que já viu alguma coisa, quer dizer “já visto” em francês. Então, quando a gente pensa que já viu e é falso, chama isso de *dèjà vu*. Por exemplo, eu estou vendo aí um livro e penso: “ah, eu já o vi uma vez em Paris, no ano de 1958”. É mentira, provavelmente. É falso. Então, é a sensação de uma falsa memória.

Ou a sensação falsa de uma memória. Ok. Mas o que no cérebro desencadeia essas memórias falsas?

Nada desencadeia. Formam-se mal e se deformam com o tempo.

O que são esses “momentos de lucidez” relatados pelas famílias de portadores de Alzheimer? Nesses momentos, os portadores de DA têm crítica ao seu estado ou memória das experiências dolorosas ocasionadas pela doença?

É que não se quebra todo o cérebro ao mesmo tempo. Morre hoje um pedacinho aqui, amanhã outro ao lado, depois de amanhã outro no lado oposto. Meu pai, por exemplo. Meu pai era um professor universitário que fazia pesquisas e, nos últimos anos, teve Alzheimer. Já estava bastante avançado o Alzheimer dele, ele já não se lembrava de mim, filho dele, tinha problemas, quando um dia mentiram para ele, que estava internado nessa época. Colaboradores do laboratório dele foram procurá-lo: “Temos que apresentar um pôster num congresso e queremos que o professor apresente”. “Mas ele não está em condições”. “Deixa por nossa conta que está em condições”. Levaram meu pai, e meu pai esteve em condições e apresentou aquele pôster muito bem. O pessoal que estava perguntando, e que ele conhecia, ele não era capaz de reconhecer. Mas apresentou aquele pôster às mil maravilhas, e foi porque ele tinha feito: era feito com o corpo dele, com as mãos, com os olhos, então ele sabia, ele tinha uma experiência pessoal, tátil, visual de tudo. E apresentou muito bem. Parecia uma pessoa que estava... Ninguém diria que tinha Alzheimer. Saímos da sessão do pôster. Eu andava por perto, não queria aparecer muito, mas andava por ali. Não queria interferir em nada porque ele estava perfeitamente bem, fazia tudo bem. Os alunos dele com ele se entendiam, e saímos de lá. O meu pai olha para mim no carro e me diz: “e tu, quem és?”... Que triste é o Alzheimer. É uma doença muito triste. A pessoa perde a sua vida e outras vezes se lembra perfeitamente de algumas coisas. Por exemplo, outra de meu pai, e esse para mim é o mais extraordinário caso com ele. Ele gostava de tango. Morava em Buenos Aires, gostava de tango. Algumas vezes em que fui visitá-lo, ele pegava o rádio certa hora da manhã e ficava com o rádio assim [muito próximo de si], num sofá, e ninguém podia chegar perto dele porque estava possesso pelo rádio. Então, perguntava para a empregada: “escuta, que horas são?”, “10:46, 10:54”... E às onze horas, não antes nem depois, acendia o rádio, ligava numa estação que tinha um programa de tango. Estamos aí e, de repente, o locutor diz: “agora ouviremos uma versão de 1926 da orquestra tal, com fulano de tal no bandoneon, tango x. Meu pai ouve e diz assim: “Tá, o tango é esse, mas o músico do bandoneon não é. É outro. Não é Fernandes, é Gonzales. Portanto, o ano não é 26, é 27”. Eu calei a boca, não disse nada. No dia seguinte, a mesma história com o rádio, e o locutor diz:

“queria pedir perdão por um erro que ocorreu ontem: a versão era na verdade de 1927...”. Meu pai tinha razão. Se não sabia muito bem quem era eu, filho dele, sabia que às onze tinha um programa e se lembrava, pelo som, que era uma canção do ano 26, e não do ano 27.

Não tem explicação para isso?!

Não tem. São ilhas de cérebro que ficam intactas e as memórias que elas guardam intactas ficarão.

Tem essa teoria de que as memórias antigas são as que melhor se preservam?

Borges tem uma explicação para isso que é a melhor. Borges diz que os velhos preferem se lembrar das coisas de sua juventude porque é o tempo da felicidade, e não das coisas de agora. O dia a dia dos velhos consiste em falar que fulano morreu, em doença, algo que dói. São coisas realmente ruins, pouco agradáveis. Na época em que eram jovens, não. Jogavam futebol, de noite iam dançar, lembravam o nome de todas as letras das músicas... É melhor se lembrar daquilo, era mais divertido, mais alegre, melhor. As mulheres eram bonitas, todas, e davam bola para ele. Agora não, ele tem 75 e quem vai dar bola para ele? É por aí.

Quando se é jovem há todo um futuro pela frente.

Tem todo um futuro pela frente, esse país vai ser um lugar melhor para morar. E esse país não foi, não se converteu em nada. A perspectiva é mais desanimadora, e eles não veem futuro. Eu não vejo. A gente, como velho, o futuro não é algo com o qual se vive.

Vive-se o presente e o passado?

Sim, vive-se no presente e no passado.